

## Do Universo dos Quadrinhos à Sala de Aula: Mafalda na aula de História

*Vitoria Duarte Wingert*

*Jander Fernandes Martins (\*)*

### Introdução

As histórias em quadrinhos fazem parte do universo infantil há alguns anos. Normalmente as crianças são introduzidas a esse tipo de leitura, através dos gibis da Turma da Mônica de Maurício de Souza e até mesmo os *mangás* japoneses, e outros quadrinhos com temáticas infantis e juvenis, também permeando o cotidiano do aluno, pois estão presentes nos livros didáticos de português, nas tiras publicadas em jornais, entre outros meios de divulgação em massa. Conforme os anos escolares vão passando a metodologia de ensino e os conteúdos vão mudando, o mundo das HQs vai ficando relacionado apenas com passatempo ou divertimento, sendo desassociado do conhecimento escolar, principalmente nas disciplinas mais específicas, como no caso da História, pois dão lugar ao conteúdo mais teórico e específico das matérias.

Sendo assim, nessa pesquisa iremos propor o uso das tiras da personagem Mafalda, criada por Quino, como forma de estimular a reflexão dentro da aula de história, uma vez que o ensino com as histórias em quadrinhos justifica-se pelo fato deste material estar presente no cotidiano dos alunos. As HQs visam despertar a criatividade, provocar a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico e a imaginação criadora, pois possui uma linguagem simples, curta e é apresentada em quadros coloridos (OLIVEIRA, 2007). Além do mais, as HQs constituem valioso meio de comunicação de massa, no qual reflete questões relacionadas desde um simples cotidiano a valores morais, sociais, culturais e éticos, não se restringindo apenas ao âmbito da comicidade, mas também configurando discursos do social, do político e do econômico.

A escolha pela personagem de Quino, Mafalda, se dá em primeiro lugar pela popularidade da mesma. Todos conhecem, ou já leram uma vez, as contestações dessa garotinha de seis anos, que detesta sopa e ama *Beatles* e está sempre se questionando sobre a realidade em que vive. Em segundo lugar, a época de criação da personagem, nos anos 1960 e todas as temáticas que Quino aborda na HQ, como Guerra do Vietnã, capitalismo, comunismo, direitos humanos, paz mundial,

---

(\*) *Vitoria Duarte Wingert* possui graduação em História pela Universidade Feevale, é especializanda em Ensino de Filosofia para Ensino Médio na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e professora da rede pública municipal de Campo Bom-RS. *Jander Fernandes Martins* é mestrando no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais (Feevale), especialista em TIC na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), graduado em Pedagogia pela UFSM e professor da rede pública municipal de Campo Bom-RS.

entre outros que retratam o tempo em que foram produzidos e que podem ser grandes aliados no ensino de História.

Em face ao exposto, elegeu-se como problema deste trabalho a seguinte questão: *como as histórias em quadrinhos de Mafalda podem auxiliar no ensino da disciplina de História?*

Uma vez que, entendemos que o conhecimento histórico não está restrito ao espaço acadêmico ou científico, mas sim inserido nas mais diversas práticas sociais cotidianas, como na escola, nas vivências familiares, nas práticas religiosas, no conteúdo dos meios de comunicação, cinema e na literatura. O tema central para a realização dessa análise são as histórias em quadrinhos da Mafalda e o ensino de História.

O objetivo geral deste trabalho se caracteriza em propiciar a reflexão sobre as possibilidades de uso das HQs da Mafalda como recurso didático nas aulas de História. Da mesma forma, definiu-se como objetivos específicos, os seguintes:

- Investigar o potencial pedagógico das HQs quanto recurso didático nas aulas de História.
- Refletir sobre a utilização das HQs como fonte histórica.
- Compreender o contexto histórico no qual Quino criou Mafalda.

Para esta proposta de pesquisa foi utilizado como marco teórico-metodológico a Análise de Conteúdo em Bardin (2004). Privilegiando o levantamento bibliográfico como um dos instrumentos colaboradores para a realização da pesquisa, por acreditarmos ser adequada neste processo investigativo, visto a importância deste tipo de pesquisa independente de sua natureza, isto é, a:

Pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2008, p. 50).

Do mesmo modo, recorrer-se-á a “pesquisa descritiva”, levando em consideração os autores supracitados. Para Gil (2009, p. 28) este tipo de pesquisa “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento da relação entre variáveis”. A base metodológica utilizada para a realização do trabalho está voltada inicialmente para uma revisão bibliográfica sobre o tema em pauta, histórias em quadrinho da Mafalda e o ensino de História, pesquisando sobre os fundamentos, métodos e propostas pedagógicas.

Será desenvolvida uma reflexão sobre o ensino de História, abordando possibilidades de utilização do cinema em sala de aula, visando uma aprendizagem significativa. Para tanto recorreremos à pesquisa bibliográfica sobre o ensino de História, uma vez que a compreensão dos

componentes da ação didática e a metodologia de ensino é essencial para o trabalho do docente, para a mediação do conteúdo aos alunos. É importante o professor compreender que ensinar e aprender caminham juntos, dimensões importantes para a prática pedagógica do professor, pois exercem um papel significativo, que podem nortear seu trabalho em sala de aula. O professor pode seguir os mais variados métodos de ensino e oferecer a seus alunos uma diversidade de experiências de aprendizagem, por isso ensinar e aprender é um processo que enfatiza a relação de professor e aluno (HAYDT, 2008). Sendo assim, utilizaremos alguns historiadores que trabalham com a área da educação e ensino de História, como Circe Bittencourt (2006), Marcos Napolitano (2011) e Gerson Severo (2004), entre outros. Também recorreremos a teóricos da educação como Tardif (2002), Libâneo (1994) e Haydt (2008).

Esperamos que o artigo possa contribuir para a compreensão da importância da consolidação dos quadrinhos como material didático nas aulas de História, bem como seu uso de forma significativa em sala de aula. Proporcionando momentos de análises e reflexões de como as práticas educativas podem colaborar em uma aprendizagem significativa, objetivando com que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca e reconheça-se como sujeito histórico. Possibilitando a compreensão e ampliação de recursos que podem ser utilizados em sala de aula.

### **Os quadrinhos em sala de aula**

Trabalhar histórias em quadrinhos no campo escolar é uma forma significativa e dinâmica para os incentivar a leitura, a escrita, criação, pesquisa e dramatização da vida (INÁCIO, 2003). A relevância das histórias em quadrinhos nas escolas é abordada por Araújo; Costa; Costa (2008, p. 29) quando estes assinalam que:

Os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável, sem falar na presença de técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras, que são importantes nas Artes Visuais e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação, induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando visualmente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) reafirmam a importância da escola na formação de indivíduos competentes para a sociedade: “É necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva” (BRASIL, 1997, p.33). Mocellin (2009) destaca também no âmbito brasileiro os intelectuais ligados à Escola Nova, ou História Progressiva. Estes

buscavam a ruptura com o modo tradicional de ensino centrado no professor como único detentor de conhecimento. Encontraram no cinema e nos meios de comunicação ferramentas para aproximar o conteúdo de sala de aula com a sociedade em que o aluno está inserido, porém estas medidas nunca foram implantadas na escola regular.

Para Bittencourt (2011, p.372), “apenas recentemente a escola tem iniciado uma aproximação mais realista com estes meios de comunicação”. De acordo com os PCNs, as HQs estão inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Nesse sentido, Rama e Vergueiro (2004, p.18) comentam a utilização dos quadrinhos em função de objetivos considerados educativos:

A percepção dos benefícios pedagógicos dos quadrinhos não ficou restrita apenas a autores e editores. Nos anos 50, na China comunista, o governo de Mao Tse-Tung utilizou fartamente a linguagem das histórias em quadrinhos em campanhas “educativas”, utilizando-se do mesmo modelo de retratar “vidas exemplares” explorado pelas revistas religiosas, mas enfocando representantes da nova sociedade que se pretendia estabelecer no país. As histórias podiam enfocar, por exemplo, a vida de um soldado que, a caminho de seu quartel, ao encontrar uma pobre velhinha sem forças para caminhar, desviava-se de seu caminho e a levava às costas até sua casa, passando a imagem de “solidariedade” que o governo chinês pretendia vender à população.

Vergueiro (2010) afirma que as HQs são válidos recursos metodológicos, que podem enriquecer a prática pedagógica, pois as auxiliam os alunos a ampliar a compreensão de conceitos e enriquecer vocabulário, obrigando-os a pensar na informação e contextualizá-la, tendo caráter globalizador e também podem ser utilizadas em qualquer nível escolar. O próprio autor explicita:

Há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura e muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico (VERGUEIRO, 2010, p. 21).

Ainda segundo Vergueiro (2010), o professor, ao selecionar o material a ser utilizado em sala de aula, deve levar em conta os objetivos, a temática, a linguagem e o desenvolvimento intelectual do aluno. De modo geral, o importante desta seleção é considerar as características dos diversos ciclos escolares. É imprescindível que o professor se familiarize com a linguagem deste meio, conhecendo seu devido valor, para conseguir aproveitá-lo em sua totalidade, pois:

Na utilização de quadrinhos no ensino, é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais

representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis (VERGUEIRO, 2010, p. 29)

É importante destacar que sem o direcionamento correto das HQs em sala de aula não haverá nenhum benefício pedagógico, na utilização daquelas, pois os alunos somente terão um olhar de entretenimento acerca do material.

Neste sentido destaca-se o papel do docente como mediador entre o conteúdo didático e as HQs, pois um bom professor precisa utilizar-se de ideias inovadoras para construir o saber histórico, sendo “promotor da união entre a competência acadêmica (domínio dos saberes) e a competência pedagógica (domínio da transmissão do saber)”, fazendo conexões do conteúdo com o cotidiano dos alunos, detendo a “capacidade de estabelecer uma espécie de comunicação individual com seu aluno, levando-o a ter intimidade com o passado” (SCHIMIDT, 2006, p 56).

### Os quadrinhos como fonte histórica

A partir da reestruturação da historiografia, com o advento da Escola dos *Annales*, a noção do que pode ser usada como fonte histórica ampliou-se. Sendo assim, pensamos que a história em quadrinhos pode ser enquadrada como uma fonte de pesquisa histórica, pois segundo Eisner (1999) a história em quadrinhos é precursora da criação cinematográfica. Contudo, o mesmo autor critica a secundarização que, mesmo com a expressiva influência que os *Comics* estenderam para diversos tipos de público, ainda se revela com o número limitado de trabalhos sérios envolvendo-os (EISNER, 1999).

É um dado preocupante, pois acaba relegando alguns estudos ao campo amador, intenção esta que não seria muito rica para o mundo da arte sequencial. Além disto Gaiarsa (1970, p.115) destaca que “os acadêmicos dizem que os desenhos famosos das cavernas pré-históricas, [...] que foram a primeira história em quadrinhos que já se fez, eram um ensaio de controlar magicamente o mundo. Ora [...] estes desenhos controlavam [...] a realidade e eram mágicos – sem mais”.

A história em quadrinhos retrata a época em que foi produzida, bem como os pensamentos e paradigmas de uma determinada sociedade, assim como outros gêneros literários e o próprio cinema. Segundo Barros (2010), não é possível a um autor se isolar de sua época e de outras épocas; à sua própria época ele é preso por um contexto que lhe impõe um tom; a todas as épocas ele está preso por uma rede de leituras pela qual se deixa capturar. Mesmo que resista a todas as influências

autorais e se contraponha a todas elas – se tal fosse possível – neste caso ele também estará se deixando construir pelo contraste. Com esta complexidade poderemos perceber como, em relação à História Cultural, devemos estar preparados para nos municiar de múltiplas fontes, de modo a constituir uma série de conexões entre história e ficção, além da apropriação de conceitos da linguagem das HQs, para conseguirmos extrair mais informações e dialogar com este tipo de fonte.

### **Com Mafalda em sala de aula**

Para falarmos sobre a personagem Mafalda, precisamos também conhecer o seu criador, o cartunista Joaquín Salvador Lavado, nascido no dia 17 de julho de 1932, na cidade de Mendoza, Argentina. Popularmente conhecido como Quino, recebeu o apelido desde pequeno para diferenciá-lo de seu tio Joaquín Tejón. Seus pais eram espanhóis da Andaluzia, mas ambos faleceram quando Quino ainda era criança.

Mafalda foi criada por Quino no ano de 1963, para uma campanha de publicidade de uma marca local de eletrodomésticos, e seu nome faz alusão a marca para atender um pedido publicitário de uma empresa de eletrodomésticos chamada *Mansfield*, com a especificação de que todos os personagens deveriam ter o nome começado com a letra “M”.

Quino lembra-se de um filme chamado *Dar la cara*, baseado no romance de David Viñas, onde aparece um bebê chamado Mafalda, e acha esse nome simpático e expressivo, adotado-o para sua personagem principal. O cliente da marca, porém, recusa a ideia e Mafalda é arquivada, retornando apenas em setembro 1964, no semanário argentino *Primeira Plana*. A partir daí continuou fazendo um enorme sucesso e até hoje continua sendo a história em quadrinhos latino-americana mais vendida do mundo. Em 1965, Mafalda começou a ser publicada no jornal *El Mundo* e posteriormente na revista *Siete Días Ilustrados*. Por decisão de Quino, a última tirinha da Mafalda foi impressa em 25 de junho de 1973 (QUINO, 2010).

São várias as publicações de Mafalda em português do Brasil: os gibis “Mafalda” volumes 1 ao 10, o livro “Mafalda inédita”, o compilado de todas as tirinhas “Toda Mafalda”, entre outros. Em Portugal, o compilado foi lançado como “Toda a Mafalda” em comemoração aos seus 50 anos. Atualmente, as histórias da Mafalda também estão disponíveis em formato digital (em espanhol). (QUINO, 2010). As historinhas da turma da Mafalda ganharam versão animada em duas oportunidades: em 1981/82 com um filme de 75 minutos produzido por Daniel Mallo (“*Mafalda, la película*” na Argentina ou “*El mundo de Mafalda*” na Espanha); e em 1993, com a produção de mais de cem episódios mudos de cerca de um minuto de duração, dirigidos pelo cubano Juan Padrón. (QUINO, 2010).

Mafalda é uma personagem, que retrata muito do contexto de sua criação, através dela percebemos uma versão bem irônica dos acontecimentos não somente da Argentina, país de origem do autor, mas também da própria América Latina, no conhecido contexto histórico no qual as mãos de ferro dos governos ditatoriais dominavam o continente.

A expressão, como a fala da personagem é bem significativa. Observemos sua amiga inseparável, *a liberdade*. Esteticamente ela é representada como uma personagem bem pequena, analogia óbvia nos tempos de ditadura, em que Mafalda era elaborada. Esta sutileza, e algumas vezes profunda ironia escancarada, traz-nos ricas análises através das tiras de Quino. Podemos observar o olhar do autor diante aos fatos históricos ocorridos em seu país e na própria América Latina e no mundo. Um exemplo disso transparece na tira a seguir:



Figura I – Fonte: QUINO, 2010.

Note-se aqui o recurso usado por Quino: a ausência de fala (no 3º quadrinho), sugerindo sentido ao silêncio da garota que, no caso, remete o leitor ao grau de estupefação diante da apresentação de Liberdade. Nesse caso, o silêncio não é vazio (ORLANDI, 2007), mas carregado de sentidos. Para o quadrinheiro, a ausência do traço característico da expressão oral, circunstancia o não dito como o silêncio que significa, deixando ao leitor o deleite de adivinhá-lo, no conjunto dos demais traços expressivos do rosto de Mafalda. Somente um gênero como as HQ pode valer-se de um discurso com tal eloquência e singularidade.

São os quadrinhos fazendo com que a História continue exercendo o que FERRO (1983, p.12) chama de “uma dupla função, terapêutica e militante”. Nessas funções encontramos uma postura missionária, que exalta a magnificência de um passado glorioso e também a militância que denuncia e defende, apaixonadamente, um ponto de vista. Para Umberto Eco (1969 *apud* QUINO, 2010), para compreendermos a personagem Mafalda, devemos traçar um paralelo entre ela e o norte-americano Charlie Brown, pois ambos são crianças, que vivem no mesmo período histórico, porém apresentam realidades completamente diferentes. Ainda segundo Eco:

Charlie Brown pertence a um país próspero, a uma sociedade opulenta na qual procura desesperadamente integrar-se mendigando solidariedade e felicidade; a Mafalda pertence a um país cheio de contrastes sociais que, no entanto, mais não pede que integrá-la e torná-la feliz, coisa que a Mafalda recusa, afastando todas as tentativas. O Charlie Brown vive no seu universo infantil de onde, em rigor, os adultos estão excluídos (apesar de as crianças aspirarem a comportar-se como adultos); a Mafalda vive em contínua dialética com o mundo adulto, que não estima nem respeita, antes pelo contrário, ridiculariza e rejeita, reivindicando o seu direito a permanecer uma menina que não quer assumir o universo adulterado dos pais.

Mafalda crítica, ironiza e ridiculariza esse papel que ela não quer assumir. A ironia é um instrumento que o autor utiliza para compor o humor que ultrapassa a comicidade, leva a refletir sobre esse discurso aberto, no qual há uma mensagem de contestação, revolta e que clama por mudanças. Nas tirinhas apresentadas abaixo temos exemplos deste descontentamento da personagem:





Figura II – Fonte: QUINO, 2010.

De acordo com Hall (1999), o que marca a década de 1960 é a preocupação com os grupos minoritários, transformando de alguma forma as culturas de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade, as quais eram consideradas como estruturas sólidas no passado. Essas transformações mudaram também as identidades dos indivíduos abalando as estruturas. Em vários momentos temos também um panorama sobre a pequena burguesia que está se formando em toda a América Latina e os apelos de consumo desta sociedade: casa própria, automóvel, televisão, o que nesta época era bastante comum nos países subdesenvolvidos, demonstrando claramente a preocupação da classe média de poder ter alguma coisa que lhe atribua distinção social e econômica, como podemos ver nas seguintes tirinhas:



Figuras III e III – Fonte: QUINO, 2010

Além deste advento do poder de consumo e as questões das ditaduras na América Latina, Mafalda apresenta questões como as dificuldades para pagar as contas que as famílias tinham, aborda o imaginário associado à Guerra Fria, o desemprego, as dificuldades para manter um *status* social ligado a posse de determinados bens de consumo.

Sua família apresenta um caráter ambíguo ao se identificar com o capitalista que explora e sente receio em ser identificado com o proletariado, assim como toda a pequena burguesia da época, e embora deseje, nunca conseguirá alcançar o *status* de alta burguesia.

Desta forma reforçamos o potencial de fonte da HQ, pois a mesma nos apresenta o panorama historiográfico da época que o produziu, como podemos ver nestas tirinhas que abordam o imaginário relacionado com a Guerra Fria:



Figura IV – Fonte: QUINO, 2010.

É interessante ressaltar que cada sociedade possui seu imaginário específico e variável, podendo este ser, individual ou coletivo. Desta forma, o que é realidade e o que é imaginário misturam-se e variam dependendo de diversos fatores (PATLAGEAN, 1998). Para Assunção (2004), o imaginário é tão verdadeiro e real que ele utiliza o termo “vida concreta”<sup>1</sup>. O interessante das contestações de Mafalda é que elas não são apenas relativas à Argentina, mas também sobre todo o contexto em que a América Latina está envolvida, que é reflexo do cenário global, como podemos ver:

O universo da Mafalda não é apenas o de uma América Latina metropolitana e evoluída; é também de um modo geral e em muitos aspectos, um universo latino, e isso faz que ela surja mais compreensível do que muitas das personagens da banda desenhada norte-americana; enfim, a Mafalda é, em qualquer caso, um “herói do nosso tempo” e isto não parece uma qualificação exagerada para a pequena personagem de papel e tinta que Quino nos propõe. Já ninguém nega que a banda

<sup>1</sup> Conforme Barros (2004, p.222) “De acordo com esta definição, existe uma interface possível do Imaginário não apenas com o campo das “representações”, mas também com o âmbito dos “símbolos”. Neste sentido, deveremos lembrar que é possível se falar em “simbólico” apenas quando um objeto, uma imagem ou uma representação são remetidos a uma dada realidade, ideia ou sistema de valores que se quer tornar presente (a espada como símbolo da justiça). Uma imagem, portanto, pode se ver revestida de significado simbólico”.

desenhada seja (quando atinge um alto nível de qualidade) uma observadora de costumes: e na Mafalda refletem-se as tendências de uma juventude inquieta, que assumem aqui o aspecto paradoxal de uma dissidência infantil, de um eczema psicológico de reação à comunicação de massas, de uma urticária moral provocada pela lógica dos blocos, de uma asma intelectual causada pelo cogumelo atômico. Já que os nossos filhos se vão tornar – por escolha nossa – outras tantas Mafaldas, não será imprudente tratarmos a Mafalda com o respeito que merece uma personagem real (ECO, 1969 *apud* QUINO, 2010).

Mafalda posiciona-se em relação ao micro e ao macro universo por meio do questionamento acerca das atitudes das demais personagens com quem ela se relaciona: pais, professores, amigos (Susanita, Manolito, Felipe, Liberdade, Miguelito), seu irmão caçula (Guile), entre outros. Na opinião de Mafalda, o mundo está doente; na condição de uma criança, coloca-se de forma reflexiva diante não só dos acontecimentos mundiais como também da postura dos outros em relação a estes, como podemos observar nas tiras, a seguir:



Figura V – Fonte: QUINO, 2010.

Umberto Eco analisa esta metáfora de o “mundo está doente”, trazida por Quino:

O mundo, o dos grandes, está doente. Sofre de distúrbios da circulação monetária e de uma infecção galopante que é consequência direta do moralismo sexo-fóbico: a superpopulação. Não vem nada a calhar. E não se percebe porquê. Isto é, a Mafalda não percebe. Nem poderia. As crianças valem-se da lógica, as normas econômicas e as repressivas nada têm de lógico. Dentro de alguns meses, quando tiver aprendido a ler, a Mafalda poderá consultar as publicações do Clube de Roma, os relatórios do MIT e os escritos de Reich Brown, Marcuse, Fromm. Então compreenderá. Compreenderá que não há nada a compreender para além da obtusidade dos homens, que é mesmo inexplicável e de proporções inconcebíveis, e compreenderá que as

suas perguntas, pelo menos por agora, estão destinadas a continuar sem resposta. No entanto é das perguntas sem resposta que nascem as revoluções (ECO, 1969 *apud* QUINO, 2010).

Outro ponto que devemos ressaltar trata-se do vestido da personagem: Mafalda sempre se apresenta trajada com um vestido vermelho. Esta cor do vestido, sempre constante, remete-nos a uma ideologia atuante nesse contexto ditatorial tão repressor das ditaduras. Vermelho é a cor da bandeira comunista, a qual representa a revolução em busca da liberdade, vinda da Revolução Francesa e da Revolução Russa, o sangue derramado da oprimida classe operária. Todos estes pressupostos e dados históricos sobre as décadas de 1960 e 1970, apresentadas por Quino, por intermédio de Mafalda, constituem-se em uma ferramenta metodológica e uma fonte histórica extremamente rica para ser trabalhada em sala de aula, principalmente na disciplina de História.

### **Considerações finais**

Este artigo se propôs a refletir sobre a importância das Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso didático nas aulas de História, bem como as possibilidades de utilização desse recurso, no que diz respeito a personagem Mafalda criada pelo cartunista Quino.

Como já visto, as tiras da Mafalda dialogam com seus vários contextos históricos, tanto com o de sua produção quanto com aquele em que o aluno está inserido. Se o olhar do estudante se volta somente para o significante sem mobilizar significados, os vários discursos presentes nas tiras não se materializam nas leituras do aluno, para que estes possam compreender melhor a momento histórico em que estas tirinhas foram criadas e como estas representavam o imaginário e o contexto de sua época. A sala de aula configura-se, portanto, em um espaço de produção e diálogo de diferentes discursos e ideologias. Tanto os sujeitos-alunos como o sujeito-professor alternam-se nesse posicionar axiologicamente.

Através das análises realizadas nos PCNs, compreendemos que o professor de História tem o dever de fazer com que o aluno amplie a compreensão de sua realidade, confrontando-a e relacionando-a, para que se torne um cidadão crítico e atuante, percebendo-se como sujeito histórico. Para alcançar estes objetivos é papel do professor, segundo os PCNs, trabalhar com os meios de informação que os alunos utilizam fora da escola como, cinema, fazendo-os refletir sobre a carga ideológica que estes trazem e o que eles representam.

Esperamos que essa pesquisa tenha contribuído para a compreensão da importância das Histórias em Quadrinhos como fonte histórica. Bem como tenha conseguido refletir os possíveis usos e aspectos que podem ser estudados dentro das mesmas. Possibilitando a compreensão da importância do planejamento prévio das atividades, reforçando que o professor é, na verdade, um

eterno pesquisador. Concluimos com uma instigante frase de Paulo Freire: “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

## Referências

- ARAÚJO, Gustavo Cunho; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso DidáticoPedagógico. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*. Uberlândia, n. 2, p. 26-27, jul/dez. 2008. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf>>. Acesso em: 05 de mai. 2017.
- BARROS, José D’Assunção. *Revista Veredas da História*, 1º sem., ano III, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Campo da história – especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. A nova história cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011
- BERNARDO, Thiago Monteiro. História e histórias em quadrinhos: um debate sobre possibilidades analíticas. *XII Encontro Regional de História – ANPUH*. 2006. <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Thiago%20Monteiro%20Bernardo.pdf>>. Acesso em: 9 de maio de 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: *O saber histórico em sala de aula*, BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). São Paulo: Contexto, 2006, p, 11-28.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: Ministério da Educação. 1997.144p.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 2008.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e a arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., 1999.
- FERRO, M. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.
- GAIARSA, José. “Desde a pré-história até McLuhan”. In: MOYA, A. Shazam. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- HAYDT, Regina Célia C. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2008.
- INÁCIO, Cleoni Fanelli. *Na escola com as histórias em quadrinhos*. v. 9, n. 26 (2003). Disponível em: <[www.revistas.usp.br/comeduc/article/download/37477/40191](http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/download/37477/40191)>. Acesso em: 03 de maio de 2017.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: *Fontes históricas*, PINSKY, Carla Bassanezi. 3ª ed, São Paulo: Contexto, 2014, p. 235-291.
- OLIVEIRA, Fátima Ferreira. *A linguagem das histórias em quadrinhos*. IFEUSP Programa de Pós-Graduação 1o sem. 2008. Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática (SEED).

Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/img\\_conteudo/File/CV\\_132/Hist\\_ria\\_s\\_em\\_quadinhos.pdf](http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/File/CV_132/Hist_ria_s_em_quadinhos.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2011.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade. Gibis exploração didática da historia em quadrinhos na sala de aula. *Revista do Professor*: Rio Pardo/RS, ed. 84, out./dez. 2005, p. 22-27.

OLIVEIRA, Ronilço Cruz. *O papel do gibi no processo de aprendizagem, na afetividade e nas emoções*. 2007. Disponível em: <<http://www.ucdb.br/gibiteca/experiencia.php>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ORLANDI, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo, Martins Fontes, 2ª ed., 2010.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de História*. *História & ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*, Londrina: UEL, vol. 4, 1998.

\_\_\_\_\_. Formação do professor de História e o cotidiano em sala de aula. In: *O saber histórico em sala de aula*, BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). São Paulo: Contexto, 2006, p.54-66.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações decorrentes de uma pesquisa sobre a possibilidade do uso das histórias em quadrinhos da personagem Mafalda, na aula de História, analisando a presença do conhecimento histórico nas histórias em quadrinhos, um meio comunicacional ainda pouco pesquisado pelo campo disciplinar. Tomamos como base reflexões teóricas que entendem o conhecimento histórico como um atributo de todo indivíduo em sua vida cotidiana (RÜSEN).

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinho. Ensino de História. Mafalda. Fonte histórica.

**Abstract:** This article aims to present some considerations arising from a research on the possibility of using the comic strips of the character Mafalda, in History class, analyzing the presence of historical knowledge in comic books, a communication medium still little researched by the field of History. Based on reflections that understand historical knowledge as an attribute of every individual in his daily life (RÜSEN).

**Keywords:** Comics. History Teaching. Mafalda. Historical Source.

*Recebido em: 06/06/2017.*

*Aceito em: 27/10/2017.*